

A Amazônia somos nós

MIRIAM LANGENBACH*

O fato de o anteprojeto do deputado Michelto (PMDB-PR) – altera o Código Florestal Brasileiro, aumentando o percentual de áreas a ser desmatadas – haver sido arquivado temporariamente não nos deixa tranquilos. Os interesses existentes por trás dessa proposta continuarão ativos, movimentando-se para viabilizar formal ou informalmente seus objetivos.

Este é um momento para pensarmos num modo de participar dessa luta de forma mais contínua e sistemática. A Amazônia e suas vicissitudes nos parecem tão distantes.

Pensando como cidadã, psicóloga e educadora ambiental, percebo que podemos participar das lutas de várias formas. A primeira tem a ver com a informática: observamos que os *e-mails* irradiando informações e protestos falam forte, assim como artigos e cartas em jornais. Outra modalidade tem a ver com a ida às ruas: apesar de a passeata que se realizou no Rio ter sido inexpressiva, em termos de presença, o fato de se realizar mostrou que o assunto está circulando. É uma forma de lançar o problema de modo mais popular.

Responder legalmente, buscando o cumprimento das leis ou seu aperfeiçoamento, é uma das formas mais contundentes de participação. Encaminhar processos, ações populares etc. exige muita dedicação e envolvimento, mas é das maneiras mais eficientes de luta.

Será que existem, juntamente com esses, outros caminhos, mais discretos porém eficazes? Se examinarmos nosso cotidiano, como podemos repensá-lo, buscando como desdobramento a proteção a ecossistemas distantes? Poderemos auxiliar a preservação de regiões próximas e distantes a partir da revisão de certos hábitos nossos?

Existem algumas possibilidades, todas relacionadas de modo mais ou menos direto com nossa presença enquanto consumidores. Para iniciar, será que não podemos ter critérios mais rigorosos como compradores de madeira, ao construirmos uma casa ou comprarmos móveis e objetos? Quem sabe poderemos buscar nos informar das madeiras em extinção, exigir referências, da mesma forma como podemos fazer – ainda que em escala insuficiente – com remédios e alimentos? A partir de nossas informações, direcionarmos nossas compras, assumindo a renúncia a um lindo móvel de mogno, porque sabemos que essa madeira está em extinção. É importante saber, como foi recém-noticiado, que existem madeiras certificadas, no sentido de que sua retirada da floresta foi feita com discernimento e envolvendo replantio.

Outro aspecto, também cotidiano, se relaciona com nossa alimentação. É necessário nos conscientizarmos de que o consumo de carne tem diretamente a ver com as terras da Amazônia, que de matas passam a ser pastos, viabilizando o que comemos. A redução do consumo de carne é uma postura solidária com esses ecossistemas, e com os próprios animais, tratados de modo sádico, com condições de vida inviáveis, recebendo antibióticos e hormônios que, ao final, nos são repassados. Além disso, comprovadamente nossa saúde fica muito bem com baixa presença de carne vermelha. Não necessariamente propomos alterações drásticas em nossos hábitos alimentares, mas que essas questões sejam tematizadas em casa, na escola, na televisão, de modo a serem reformuladas. Importante é percebermos que esses gestos estão ao nosso alcance a cada dia.

Finalmente, o uso consciente e mínimo do papel, tão exacerbado através do computador e

da reprodução de cópias, é algo possível. Por mais que saibamos que o papel é produzido a partir de florestas plantadas, a crescente demanda vai pressionando as áreas de florestas nativas. Passar a usar o verso de folhas mais sistematicamente, questionar as excessivas impressões de computador, recusar correspondência desnecessária, reaproveitar papéis fazendo cadernos, encaminhar à coleta seletiva ou a catadores os papéis para reciclagem, apoiar grupos que estão trabalhando nessa direção podem ser maneiras de estar protegendo ecossistemas.

Essas sugestões podem parecer triviais, mas de fato são difíceis, por nos exigirem um abandono de posições cômodas de consumidores que recebem as coisas prontas e têm seus esquemas armados. Reestruturar hábitos é um trabalho complexo, tanto do ponto de vista subjetivo quanto de fato, já que tudo conspira contra. Talvez o ponto mais significativo é dar-se conta de que essas não são questões vãs, por demais miúdas, e que cada um de nós faz diferença.

Se são caminhos aparentemente desviantes, difíceis, sem dúvida possibilitarão sentir-nos mais integrados a todos os povos e a uma distante geografia brasileira, assim como assumindo mais concretamente nosso elo com as gerações que nos seguirão. Estas talvez um dia nos cobrem nossa atual omissão. O próximo e o distante se fundem através de nossas ações. Se alteramos algo aqui, isto ecoará lá. É uma questão de escolha cotidiana.

*Professora do Departamento de Psicologia e coordenadora do Programa de Vídeos Ecológicos da PUC/Rio

Cláudio Paiva está de férias

INSTITUTO	157
DOCUMENTAL	JK
Fonte	JB
Data	4/7/2000
Class.	P. 9
Documentação	